

MULHERES NA DOCÊNCIA: EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM DIVINÓPOLIS (MG)

WOMEN IN TEACHING: EXPERIENCES OF SCHOOL TEACHERS IN DIVINÓPOLIS (MG)

Tawani Mara de Sousa Paiva*
Carmem Lúcia Eiterer**
Maria Augusta Gonçalves Santos Miranda***

RESUMO: Este trabalho parte de uma pesquisa desenvolvida no âmbito da iniciação científica na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Divinópolis. O objetivo central é compreender as experiências de professoras da educação básica do município a partir da leitura das interfaces entre gênero e docência. A escolha do município e docentes da educação básica, justifica-se, em grande medida, pela falta de estudos da temática na região. Para tanto, mobilizamos um debate bibliográfico em torno dos conceitos de gênero e docência, no intuito de compreender o que o campo de estudos nos apresenta. Ademais, desenvolvemos a pesquisa numa perspectiva qualitativa. Realizamos entrevistas narrativas com seis professoras de escolas estaduais e de diferentes áreas de formação. A partir das leituras das narrativas o procedimento metodológico teve como fermenta a análise de conteúdo e foi possível mobilizar três eixos: a escolha da profissão, os atravessamentos da maternidade e a insatisfação profissional.

Palavras-chave: Gênero. Docência. Maternidade. Insatisfação profissional.

ABSTRACT: This paper is part of a research project carried out as part of my scientific initiation at the State University of Minas Gerais (UEMG) - Divinópolis. The main objective is to understand the experiences of female basic education teachers in the municipality by looking at the interfaces between gender and teaching. The choice of municipality and basic education teachers is largely justified by the lack of studies on the subject in the region. To this end, we mobilized a bibliographical debate around the concepts of gender and teaching, in order to understand what the field of study presents to us. We also carried out the research from a qualitative perspective. We conducted narrative interviews with six female teachers from state schools and from different backgrounds. From reading the narratives, the methodological procedure had content analysis as its ferment and it was possible to mobilize three axes: the choice of profession, motherhood and professional dissatisfaction.

Keywords: Gender. Teaching. Motherhood. Job dissatisfaction.

* Doutoranda em Educação pela UFMG. Docente da UEMG. Contato: tawanimsp@gmail.com

** Doutorado em Educação pela USP. Docente da UFMG. Contato: eiterercarmem@gmail.com

*** Graduada em Psicologia pela UEMG. Contato: maria.augusta.021s@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de natureza qualitativa está inscrita no campo de estudos da Educação. Ela foi construída a partir da aprovação de um projeto no Programa Institucional de Apoio à Pesquisa da UEMG (PAPq – UEMG). O objetivo aqui proposto é compreender o sentido das experiências de professoras da educação básica na escola a partir da leitura das interfaces entre docência e gênero. Pretendemos no estudo, levando em consideração os marcadores de diferença¹, discutir como se revela a docência/ser docente no cotidiano deste grupo de professoras.

A pesquisa se apoia nas narrativas de seis professoras, mulheres cisgênero adultas, licenciadas em diferentes áreas de formação, com no mínimo duas décadas de trabalho na docência em redes públicas. Elas atuam no Ensino Fundamental (EF) e Ensino Médio (EM) da rede estadual de educação básica na cidade de Divinópolis, cidade de médio porte com uma população de 231.091 habitantes de acordo com o censo de 2022 da região centro-oeste do estado de Minas Gerais. O município possui uma importância regional e é sede da Superintendência Regional de Ensino que atende mais 29 cidades. O contato das entrevistadas foi realizado a partir da aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UEMG².

A escolha das docentes se deu, num primeiro momento, por meio de convite para participação via e-mail. Posteriormente, as docentes entrevistadas indicaram as professoras que tinham interesse em colaborar com a pesquisa. Tendo em vista o objetivo de compreender as múltiplas experiências em sala e na escola, optamos por entrevistar mulheres das diferentes áreas de formação em licenciatura e atuantes em escolas do centro e periferia do município.

Consideramos as singularidades das experiências das docentes a partir das diversidades de classe, gênero, raça, origem geográfica e geração; bem como as distintas experiências vividas, pensando desde a formação até a

¹ Entendemos enquanto marcadores de diferenças gênero, raça, geração, origem geográfica e religião. Estes, por sua vez, se posicionam em situação de assimetria nas oportunidades de estudo e trabalho.

² Pesquisa aprovada em 27 de outubro de 2022 junto ao comitê de ética da instituição. CAAE: 63968922.3.0000.5115.

atuação profissional. As narrativas das mulheres professoras possibilitam questionar análises que tomem gênero como uma categoria universal. A construção da categoria gênero idealizada diz respeito a uma experiência específica: da mulher branca do norte global. Como aponta Miranda e Silva (2020, p. 46), “[...] a ideologia da feminilidade que relegou as mulheres brancas à profissão docente promoveu, em contrapartida, a restrição das mulheres negras nesse ambiente”.

Nesse sentido, faz-se mais que necessário analisar a docência pensando nos marcadores de diferenças como sexualidade, raça, classe e geração, por exemplo. Se, por um lado, há uma construção histórica de um ideal de professora, atravessada pela figura da mulher branca e burguesa, constituinte de um núcleo familiar idealizado; por outro, sobretudo no contexto brasileiro atual, a docência é exercida por mulheres que, em muitos casos, não correspondem em absoluto a esse estereótipo. O que emerge das narrativas nos permite compreender que são mulheres oriundas de camadas empobrecidas da população, de classes populares, muitas vezes as primeiras gerações familiares a alcançarem uma escolarização longa e a conclusão de uma graduação em nível de ensino superior. São responsáveis pelo sustento da casa e pelo cuidado de familiares de distintas gerações, seus pais e seus filhos, por exemplo. Ademais, cinco das seis entrevistadas atuam em dois cargos, o que nos sinaliza uma sobrecarga de trabalho diante das atividades reprodutivas e produtivas.

Nas instituições de educação, tendo em vista a diversidade das professoras atuantes nas escolas, institui-se um paradoxo. Há uma diferença, bem pontuada por Vianna (2013), entre a presença mais concentrada das mulheres nos anos iniciais em comparação ao ensino médio. Porém, elas seguem sendo a grande maioria na educação básica. De acordo com dados do MEC (2018) em 2017, 81% dos docentes eram mulheres, o que corresponde a 1.683.772 professoras na educação básica.

De acordo com o censo escolar de 2021, o município de Divinópolis possui 2.415 docentes mulheres em todos os níveis de ensino. Dessas, concentram-se na educação infantil 422 professoras, no ensino fundamental 1.384 e no ensino médio estão 609 das professoras. A concentração maior de

mulheres na educação infantil e no ensino fundamental pode se justificar pela presença quase exclusiva de professoras pedagogas na primeira etapa da educação escolar no ensino fundamental. Diante da ausência de trabalhos sobre a relação dessas mulheres docentes na rede estadual na cidade em questão, especialmente acerca do sentimento de descontentamento dessas professoras com a docência, privilegamos como lócus de investigação o contexto do município de Divinópolis neste artigo.

Tendo em vista o objetivo da pesquisa, em acordo com Vianna (2002), entendemos que a articulação do conceito de gênero com os estudos sobre a docência nos permite compreender melhor os atravessamentos que a construção de uma concepção de feminilidade e masculinidade produz na escola. Como a autora afirma, precisamos entender a escola para além da classe, levando em consideração as dimensões da geração, raça/etnia e gênero.

Com as entrevistas narrativas realizadas, aproximamo-nos das trajetórias das docentes. É possível perceber como a escolha profissional não se liga exclusivamente a uma decisão tomada a partir de uma pretensão de talento e/ou vocação. Antes, revela-se para elas uma dimensão do que vislumbram como o seu horizonte de possibilidades. Um primeiro aspecto que se destaca, em relação a essa escolha, diz respeito à formação na licenciatura, realizada entre as perspectivas de cursos disponíveis e consideradas por elas como possíveis.

O segundo aspecto que consideramos foram os atravessamentos da maternidade na profissão docente e, por último, o terceiro diz sobre a insatisfação com a profissão. O sentimento de decepção com a profissão deriva de diversos fatores externos e internos à prática pedagógica. As professoras lamentam o pouco interesse por parte dos estudantes e de suas famílias. Destacamos que, em suas duplas jornadas, são responsáveis ainda pelo trabalho doméstico em suas residências, pelo cuidado com filhos e outros. Tal como apontam Araújo *et al.* (2006, p. 1120)

A análise da dupla jornada de trabalho é complexa e articula diversos fatores localizados nas esferas pública e privada. As possíveis repercussões da dupla jornada de trabalho sobre a saúde também são diversificadas: sobrecarga psicológica, fadiga física ou burnout; tempo insuficiente para lazer, para descanso, horas de sono e alimentação.

Assim, a desilusão se soma a uma sobrecarga decorrente do acúmulo de trabalho remunerado e trabalho doméstico de cuidado, exercido também por elas. Como supracitado, das seis mulheres entrevistadas, somente uma concentra o trabalho em um turno, todas acumulam cargos ou estão em funções com mais de 40 horas semanais. Zibetti e Pereira (2010) nos apresentam um debate relevante sobre o trabalho doméstico no Brasil relacionado com a docência. De acordo com as autoras, historicamente o trabalho do cuidado, herdeiro do período escravista no Brasil, está vinculado às classes populares. Quando analisamos o perfil das docentes de educação básica, entendemos de forma relevante que, oriundas de classes populares, mesmo com trabalhos produtivos, elas acumulam as funções. Ademais, é importante pontuar que, historicamente, as mulheres possuem piores ocupações no campo do trabalho remunerado se comparadas aos homens. Ainda de acordo com as autoras,

Esta sobrecarga evidencia aspectos culturais que se mantêm nas relações familiares, os quais levam as mulheres a assumirem as mesmas demandas que lhes eram atribuídas antes de ingressarem no mercado de trabalho. Mas também é consequência dos baixos salários recebidos pela categoria, pois enquanto outros/as profissionais mais bem remunerados/as encontram tempo livre para a família e o lazer por meio da contratação de mão de obra doméstica, as professoras não têm condições de fazer o mesmo (ZIBETTI; PEREIRA, 2010, p. 270).

A sobrecarga e a necessidade de escolha entre o acompanhamento mais próximo do núcleo familiar, em especial de filhos e filhas, e mais de um cargo na escola aparece na maioria das narrativas das docentes entrevistadas, como veremos a seguir. O que nos evidencia a prevalência do perfil profissional supracitado.

METODOLOGIA

As entrevistas narrativas fazem parte de um conjunto de estratégias potentes de pesquisa numa perspectiva qualitativa. Elas se caracterizam por possuírem um pequeno roteiro de temas, problemas ou questões iniciais que compreendem os aspectos a serem elaborados no diálogo, mas que não exige ser seguido rigidamente tal como seria em uma entrevista estruturada. Isso

permite que pesquisadoras e colaboradoras estabeleçam um momento de troca que pode dar outros contornos para o momento da entrevista, alterando a ordem do roteiro, aprofundando e expandindo algum aspecto ou tema mencionado pelas interlocutoras.

Muylaert *et al.* (2014, p. 194) apontam que as entrevistas narrativas “[...] se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional”. Assim, as narrativas não dizem respeito apenas às trajetórias das colaboradoras em si, elas também permitem compreensão dos contextos sócio-históricos articulados com as construções das subjetividades e da percepção de si.

As temáticas escolhidas para a realização da pesquisa, tendo em vista o objetivo de compreender as trajetórias das docentes a partir dos seus marcadores de diferença, tiveram como áreas de interesse aspectos da vida pessoal, como a organização familiar, aspectos da formação e da atuação profissional. Contudo, esses três aspectos estão fortemente imbricados, pois não foram elaborados de forma separada na narrativa das mulheres, tal como as entrevistas permitem identificar.

Como supracitado, a escolha das seis docentes se deu por meio de um primeiro contato através do e-mail e aplicativo de mensagens, posteriormente através de indicação das professoras que participaram da pesquisa. Dentre essas, estão duas pedagogas e quatro docentes das grandes áreas do conhecimento, sendo: História, Ciências Biológicas, Língua Portuguesa e Matemática. As entrevistas tiveram a duração média de uma hora e foram realizadas entre dezembro de 2022 e junho de 2023 em diferentes lugares, de acordo com a disponibilidade de cada entrevistada. A maioria foi realizada em ambiente escolar, como no caso das professoras de Língua Portuguesa, Ciências Biológicas, Matemática e uma das pedagogas.

As narrativas foram analisadas à luz da análise de conteúdo de Bardin (1977) que tem como objetivo compreender de forma crítica o conteúdo e sentido das comunicações e quais as suas significações. Nesse sentido, de acordo com o nosso objetivo, buscamos compreender a partir das narrativas das

colaboradoras, as suas experiências na educação básica a partir da leitura das interfaces entre gênero e docência. Após as entrevistas, realizamos a transcrição e devolutiva das entrevistas. A partir da aprovação pelas colaboradoras iniciamos o processo de análise das narrativas. Tendo em vista o conteúdo realizamos a comparação entre as temáticas abordadas e as significações elaboradas pelas professoras. A partir disso, foi possível elaborar três eixos de convergência: a escolha da profissão, os atravessamentos da maternidade e a insatisfação profissional. Eles serão abordados nos resultados e discussão.

A seguir trazemos um breve perfil das docentes. São quatro mulheres brancas e duas negras que possuem entre 40 e 60 anos. No quesito geracional, portanto, são mulheres adultas, algumas têm filhos também adultos. Podemos perceber que as entrevistadas já possuem um tempo significativo atuando na educação básica, a maioria se formou no final da década de 90 e início dos anos 2000. Todas entrevistadas nasceram em Minas Gerais, mas em diferentes regiões, como é possível identificar no quadro abaixo.

Dentre as pedagogas, temos a Laura³, uma mulher branca com 40 anos e mãe de uma menina de 10 anos. Ela atua nos dois turnos em uma escola da periferia, como professora do fundamental I em um turno e em outro turno exerce a função de Bibliotecária. Noara, também pedagoga, atua como professora eventual em uma escola da área central do município. Ela é uma mulher branca com 57 anos e possui uma filha adulta.

Alessa é formada em Magistério, Ciências Biológicas e ainda em Fisioterapia. Ela é uma mulher branca de 46 anos que possui uma irmã, um irmão e é mãe de um filho adolescente. Trabalha em um cargo pela manhã no estado, numa escola da área central, nos outros períodos atua como fisioterapeuta. Júlia cursou Matemática, é uma mulher parda (negra) de 46 anos e a irmã mais velha de seis irmãos. Atua como professora na rede estadual em dois turnos, ambos em escolas centrais. Mariana é uma mulher branca formada em Letras, com 50 anos e um filho adulto. Verônica, mulher negra com 45 anos, é professora de

³ Os nomes utilizados no trabalho são fictícios, conforme assegurado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelas colaboradoras.

História em duas escolas, uma na periferia de Divinópolis e outra num município vizinho. Possui duas filhas, ambas adolescentes.

Trazemos a seguir um quadro que permite visualizar em síntese as principais características do grupo:

Quadro 1: Perfil das docentes entrevistadas

Nome	Raça	Idade	Local de nascimento	Filhos	Formação	Estado Civil
Verônica	Negra	45 anos	Belo Horizonte	2	História pela Universidade de Itaúna	Divorciada
Mariana	Branca	50 anos	Córrego Danta	1	Faculdade do Alto São Francisco	Divorciada
Noara	Branca	57 anos	Divinópolis	1	Pedagogia pela Funedi – UEMG	Divorciada
Laura	Branca	40 anos	Divinópolis	1	Pedagogia pela Funedi – UEMG	Casada
Alessa	Branca	46 anos	Piranga	1	Ciências Biológicas pela UFOP	Casada
Júlia	Negra	46 anos	São Gotardo	0	Matemática pela UNIFOR	Solteira

Fonte: Elaboração própria.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da realização das entrevistas, foi possível mobilizar diferentes eixos temáticos para a análise. O primeiro diz respeito à escolha profissional, nesse eixo é possível compreender que as docentes entrevistadas fazem parte de uma geração que possui a educação como possibilidade de mobilidade econômica e, mesmo em um trabalho com baixa remuneração, alcançam postos de trabalho melhores que as gerações anteriores em seus núcleos familiares.

Os atravessamentos da maternidade na atuação profissional constituem o segundo eixo temático. Nesse é possível compreender como a maternidade e

a docência se articulam na vida de cinco das seis entrevistadas. Num aspecto interessante, Verônica diz sobre como a maternidade a aproximou da realidade dos/as estudantes com quem compartilha o espaço da sala de aula. Contudo, de uma maneira geral, as docentes dizem sobre os conflitos no processo de conciliar a dedicação ao trabalho e o cuidado com os/as filhos/as, em especial no que tange às questões financeiras e a divisão do tempo.

O terceiro e último elabora aspectos das insatisfações profissionais. Nas narrativas é possível compreender que o descontentamento perpassa a dimensão material, como o salário, as mudanças na legislação no que diz respeito ao tempo de aposentadoria e a falta de tempo para planejamento. Também se relaciona com uma dimensão simbólica, expressa na relação com os estudantes e a comunidade escolar, por exemplo. O cansaço e desmotivação também é um fator importante na narrativa das docentes.

A ESCOLHA DA PROFISSÃO

Como supracitado, a escolha da profissão é um eixo que nos chama atenção nas narrativas das professoras. Das seis entrevistadas, três tiveram incentivo aos estudos, duas não foram incentivadas e uma retomou os estudos na idade adulta. Sobre a inserção dessas mulheres nos cursos de licenciatura, há um discurso que perpassa a noção das escolhas possíveis. Podem ser compreendidas a partir de duas perspectivas: a sua inserção nas escolas em decorrência do Magistério e/ou a possibilidade de realizar um curso no ensino superior com as condições materiais que detinham. Significa dizer, as condições para acesso, existência de oferta de curso e de recursos financeiros para arcar com as mensalidades de instituições privadas, por exemplo. Somente uma das entrevistadas realizou o curso superior em uma instituição pública, todas as demais estudaram em IES privadas.

Para nos ajudar a compreender esse processo de escolha e inserção no ensino superior, entendemos que a questão geracional é fundamental. Verifica-se que as gerações mais velhas enfrentaram dificuldades de acesso à educação que se referem à disponibilidade de oferta dos cursos nas regiões ou cidades de

sua residência, ampliada nas últimas décadas. Na mesma direção, como se verifica em outros estudos sobre a escolha profissional docente, Alessa afirma que: “[...] cidade pequena não tinha outra coisa pra fazer, ou você trabalharia em comércio, ou você iria dar aula, aí por isso que eu também fui caminhando pra licenciatura” (Alessa, junho de 2023).

Nesse mesmo sentido, Cláudio Nogueira (2004) destaca que as pesquisas sobre a escolha do curso superior apontam uma relação direta entre os perfis social e escolar, idade, sexo e etnia dos candidatos e o curso:

Indivíduos mais novos e com perfis social e escolar favoráveis tendem a escolher os cursos mais seletivos, prestigiosos e que preparam para as profissões mais prestigiosas e rentáveis. Indivíduos mais velhos e com características sociais e escolares menos favoráveis tendem, ao contrário, a escolher os cursos de acesso mais fácil e que preparam para as profissões menos prestigiosas e rentáveis (NOGUEIRA, 2004, p. 57-58).

Sabemos que a docência tem figurado entre as profissões de menor prestígio. Tem sido recorrente a presença de matérias na mídia divulgando a alarmante perspectiva de apagão docente num futuro não muito distante, dada a baixa atratividade da profissão entre as gerações mais jovens, como a matéria da Carta Capital de janeiro de 2024 que tem como título “Apagão de professores: a maioria dos alunos de licenciatura desiste da carreira antes da formatura” (Serafini, 2024). De acordo com a reportagem, o Censo da Educação Superior de 2022 revelou que 58% dos estudantes de licenciatura abandonaram os cursos antes de receber o diploma, o que pode resultar na ausência de profissionais para atuar na educação básica dentro de um período de 15 anos. Alessa e Júlia também chamam a atenção para um possível apagão de professores, tendo em vista a remuneração e plano de aposentadoria vigente.

Como destaca Nogueira (2004, p. 11), a escolha da licenciatura está ligada a vários fatores para além do capital escolar/acadêmico, entre eles o capital econômico, o sexo e pertencimento étnico do sujeito que escolhe. Nesse sentido, é possível estabelecer uma relação com o perfil das entrevistadas: todas são oriundas das classes populares, são a primeira geração de seu núcleo familiar a cursar o ensino superior e tiveram que conciliar trabalho com os estudos, exceto no caso da Alessa.

Sobre esse aspecto, Laura mencionou a importância da contribuição financeira da rede municipal para a sua formação, “[...] a prefeitura pagava para a gente um valor que era descontado na nossa mensalidade, então não era remunerado, digamos assim, [...] a gente tinha um desconto na mensalidade da faculdade” (Laura, junho de 2023). Laura adentrou no mundo do trabalho como monitora escolar aos 13 anos de idade, após essa vivência e a formatura no Ensino Médio, ela deu início ao curso Normal Superior. Diferentemente de Laura, é possível observar que a Júlia corrobora a premissa do curso possível e, apesar da identificação com a área mencionada por ela, reforça enfaticamente que escolheu dentro das possibilidades: “Eu gostava, dentro do que era possível, eu escolhi dentro do que era possível” (Júlia, junho de 2023).

Em contrapartida, Noara iniciou a formação em Pedagogia aos 38 anos, após a filha se desenvolver tornando-se uma criança independente da presença constante da mãe. Ela decidiu iniciar um curso e escolheu a Pedagogia com base nas suas representações de docência, pois sentia que era o curso com mais proximidade com o que ela já experienciava na maternidade: “Aí eu escolhi o curso de Pedagogia porque pensando né, a mãe, a dona de casa, até foi... nessa linha de pensamento” (Noara, maio de 2023). A colocação de Noara se articula com o que Vianna (2002) pontua acerca da relação entre a docência e as mulheres. Ainda de acordo com a autora

Criam-se, assim, vários estereótipos sobre homens e mulheres: agressivos, militaristas, racionais, para eles; dóceis, relacionais, afetivas, para elas. Em decorrência, funções como alimentação, maternidade, preservação, educação e cuidado com os outros ficam mais identificadas com os corpos e as mentes femininas, ganhando, assim, um lugar inferior na sociedade, quando comparadas às funções tidas como masculinas (VIANNA, 2002, p. 93).

Sobre o desenvolvimento da própria formação, Verônica acredita ter encontrado certa facilidade durante o curso, dado que conseguiu se inserir na faculdade trabalhando na escola. Segundo ela, pode acompanhar de um *locus* privilegiado a relação teoria e prática: “Assim que entrei na faculdade no primeiro período eu já passei na designação, então já entrei pra faculdade atuando, isso me deu uma visão diferente” (Verônica, dezembro de 2022). Ademais, Mariana

aponta nunca ter tido incentivo dos familiares para seguir alguma carreira, sua família desejava para ela apenas o matrimônio e a permanência na área rural: “[...] eu fiz o vestibular escondido, o meu pai e minha mãe na roça, eu com minhas irmãs na cidade” (Mariana, dezembro de 2022). Apesar da interdição, ela apresentou certa subversão quanto à vontade de seu núcleo familiar:

“[...] o meu ideal de vida sempre foi estudar e me libertar daquilo ali que eu não queria para mim, eu queria ter a minha independência financeira, eu queria poder entrar em uma loja e comprar a roupa que eu quisesse, pegar o meu carro e viajasse para onde eu quisesse” (Mariana, dezembro 2022).

Ademais, Mariana relata ter tido auxílio de uma professora que teve um papel significativo na sua formação, incluindo a escolha do curso: *“Eu marquei Matemática, ela rasgou e falou: ‘Você não vai fazer matemática, você vai fazer português’. [...] E realmente, a faculdade lá estava em fase de reconhecimento, curso de Letras era o único que era reconhecido pelo MEC oficialmente”* (Mariana, dezembro de 2022).

Algumas narrativas não escondem o conflito vivenciado a partir dessa dimensão das escolhas possíveis, tanto que Verônica relata que abandonou a profissão para trabalhar em outra área por duas vezes ao longo dos anos. Laura também relata que mudou de área para trabalhar numa financeira e hoje considera a possibilidade de atuar em outro campo e sair da educação básica; Alessa se formou em Fisioterapia e concilia as duas profissões. Nesse sentido, é possível perceber que a escolha pela docência foi e é repensada pelas professoras entrevistadas.

MATERNIDADE COMO ATRAVESSAMENTO DA DOCÊNCIA

A escola representa um espaço possível de vínculo trabalhista permanente para as mulheres ao longo do século XX. Na medida em que alcançam a aprovação em concurso público, essas trabalhadoras contam não apenas com regime estatutário, que lhes garante a estabilidade na função do ponto de vista do vínculo trabalhista, mas também com um horário de exercício laboral que permite a opção por um turno de meio período. Esse fator se revela

significativo, pois a jornada pode vir a ser conciliada com as atividades de cuidado da casa e dos filhos.

A maternidade é apresentada por Alessa como um fator que contribui para a escolha da docência, uma vez que favorece a disponibilidade de tempo para o cuidado da família: *“Essa escolha de um turno, somente, é diretamente ligada ao filho [...], hoje em dia eu consigo trabalhar os dois horários, mas quando ele tinha 6, 7 anos eu não conseguiria”* (Alessa, junho de 2023).

Verônica também adiciona que, após a maternidade, a escolha do horário de trabalho se deu baseada nesse âmbito: *“[...] vou voltar pra educação que aí vou trabalhar meio horário e consigo compartilhar tempo com minhas filhas”*. Ademais, discorre acerca da relação entre maternidade e exercício da docência, tendo a maternidade contribuído para o seu modo de perceber a atuação docente: *“depois eu tive minhas filhas, e enquanto mãe, a gente aprende muitos valores, muita tolerância, muita paciência”* (Verônica, dezembro de 2022).

Entretanto, em outros casos, torna-se um desafio conciliar o exercício da docência e a maternidade. Laura descreve o sentimento de culpa por auxiliar os alunos no aprendizado ao longo do dia, mas não conseguir tempo de qualidade para acompanhar a escolarização da filha. Afirma que pretende modificar essa situação:

“Eu sinto que eu sou muito mais mãe dos outros do que da minha própria filha, e esse é um dos motivos por que eu quero largar, porque eu acho que eu tenho deixado a desejar com a minha filha em relação à presença (...) de estar ali sentada junto, porque eu tenho oportunidade de fazer isso com os meus alunos” (Laura, junho de 2023).

Em consonância com as narrativas, em especial a de Laura, Zibetti e Pereira (2010, p. 273) concluem em sua pesquisa que quando as professoras “priorizam as demandas profissionais sentem-se culpadas pela desatenção e falta de paciência com os filhos. E, ao recusarem-se a utilizar o horário extra para realizar as tarefas profissionais sentem que não estão sendo ‘dedicadas’”.

As narrativas das docentes acerca da insatisfação com o trabalho, em especial no que tange a dimensão da ausência de tempo para a realização das atividades, relaciona-se com a pesquisa realizada por Alvarenga e Vianna

(2012). De acordo com os resultados, o fator tempo é importante quando pensamos a insatisfação de docentes com a realização das atividades no que as autoras defendem ser uma jornada tripla entre homens e mulheres; ou seja, a associação entre os cuidados com a família e a casa, as atividades relacionadas à escola que são realizadas em casa – tais como planejamento e elaboração de atividades diversas – e o tempo de trabalho em sala de aula.

Se compreendermos que há uma presença majoritariamente feminina na educação básica, podemos depreender que essa jornada tripla afeta, em sua maioria, as mulheres. Em especial aquelas que possuem mais de um cargo. A pesquisa de Alvarenga e Vianna (2012) aponta que, dentre os/as docentes que possuem filhos, a insatisfação com o tempo de trabalho e de realização das demais atividades é mais pontuado tendo em vista o desafio de conciliar todas as demandas da vida, tal como demonstraram as docentes entrevistadas na nossa pesquisa.

INSATISFAÇÃO COM A PROFISSÃO

O tema do ciclo profissional docente ocupou diferentes autores nas últimas décadas. Em comum, alguns deles vão apontar que a inserção na carreira inicia com uma curva ascendente: o ingresso, quando o professor está descobrindo a profissão; seguida de uma fase a fase de estabilização, quando se torna professor e alcança estabilidade, por exemplo, sendo aprovado num concurso público; o investimento na profissão, quando busca novas rotinas, implicando a busca por novos materiais e estratégias de ensino; seguido de uma etapa de desencanto e frustração. Huberman (2000) considera que essa etapa ocorra no período de 35 a 50 anos de idade, após 15 e 25 anos de ensino; idade e tempo de serviço em que se encontram nossas entrevistadas.

Na etapa da desilusão, a repetição da rotina faz com que o entusiasmo vá se esvaindo, acrescida da frustração com os baixos salários e com a indisciplina dos estudantes que costumam se manifestar. Segundo o autor, nessa etapa as pessoas fazem um balanço de sua trajetória e consideram a opção de seguir por outros rumos, investindo se possível em outras carreiras. Trata-se de uma crise

que levaria a diversificação das atividades, a busca de algo que proporcione maior satisfação. Segue-se à etapa de serenidade, em que já não há tanto entusiasmo e na qual já não se investe tanta energia no trabalho quanto no início da carreira. Na seguinte, uma etapa de conservadorismo, as dificuldades de diálogo com os estudantes fazem o trabalho mais desgastante, gerando lamentações e, por fim, chega-se ao desinvestimento.

Huberman (2000) aponta que a última etapa do ciclo de vida profissional dos professores, o desinvestimento e o desligamento da carreira, pode se dar de modo sereno ou amargurado. Observamos que para o autor não há determinismos, pois o sentimento de realização em relação ao seu exercício profissional é afetado por fatores multifacetados. Mas, ele indica que os sentimentos de desencanto têm razões que variam desde o contexto da escola, ao sistema educacional, à política educacional, até a dificuldade de lidar com jovens que têm uma cultura e geração demasiado distintas etc. Esses mesmos sentimentos são manifestos pelas entrevistadas.

No momento das entrevistas, as professoras expressam em seus depoimentos o sentimento de insatisfação com a profissão que se reporta, do mesmo modo, a motivos intrínsecos e extrínsecos à escola. Como aponta Vianna (2002, p. 90), é importante articularmos o conceito de gênero para compreender essa insatisfação: “o processo de feminização do magistério associa-se às péssimas condições de trabalho, ao rebaixamento salarial e à estratificação sexual da carreira docente, assim como à reprodução de estereótipos por parte da escola”.

No que tange à insatisfação com a profissão, as narrativas das docentes abordam elementos supracitados pela autora. Dentre eles está a ausência de mobilização por parte da categoria docente para reivindicar seus direitos, o que impacta diretamente nas condições de trabalho e remuneração: “*A classe não é unida (...) quase ninguém adere, a classe não adere, temos essa dificuldade de conseguir benefícios porque ninguém luta, fica de braço cruzado*” (Alessa, junho de 2023). Sobre esse aspecto, Noara também afirma que a desmobilização em relação à greve “*(...) é porque não acredita que vai mudar alguma coisa e o professor que faz greve, depois para pagar essa greve é muito sofrido, né? (...)*”

aí as pessoas ficam desmotivadas porque não acreditam que vão ter esse retorno” (Noara, maio de 2023). Sobre esse aspecto, podemos pontuar a dificuldade de diálogo com o atual governo de Minas Gerais.

A dimensão salarial⁴ apareceu em todas as narrativas, atrelada à necessidade de sobrecarga de trabalho assumindo dois turnos, por exemplo. Laura aponta que

“a demanda de trabalho que a gente tem para casa é muito grande, entendeu? Eu não consigo realizar tudo que eu preciso fazer aqui na escola e ainda tem a questão salarial, porque para eu ter uma vida... Eu não vou ter uma vida maravilhosa, mas para eu ter uma vida digna de ter, de poder pagar uma escola para minha filha, de poder manter o meu carro, de poder manter as minhas contas em dia, eu preciso trabalhar o dia inteiro e isso é muito duro numa escola” (Laura, junho de 2023).

Nesse trecho, a docente nos apresenta uma relação entre a insatisfação sobre o tempo para planejamento e a dimensão salarial. Ela segue afirmando que

“[...] o que eu ganho no dia inteiro é o que eu tinha que ganhar para trabalhar meio horário, para dedicar aos meus alunos, para eu conseguir trazer coisas melhores, [...] para eu conseguir fazer isso eu preciso buscar nos meus horários de descanso, eu passo final de semana trabalhando, entendeu? Se eu quiser fazer um trabalho de qualidade, eu preciso fazer isso...” (Laura, junho de 2023).

A narrativa da professora se articula com a narrativa da Verônica quando fala da atuação docente e da necessidade de seguir estudando. Ela afirma que muitas vezes não consegue conciliar as demandas: *“[...] você tem dois empregos, você tem vida pessoal. Com o que você ganha em um só não dá, e a gente fica se virando nos trinta”* (Verônica, dezembro de 2022).

Prá e Cegatti (2016) afirmam que a presença das mulheres nas diferentes ocupações é inversamente proporcional à valorização salarial e fazem um comparativo entre a docência no ensino superior, com melhores salários e prestígio, e a docência na educação básica com salários e prestígio inferiores. Nesse sentido, o conceito de gênero se afirma enquanto uma categoria

⁴ Hoje uma professora que possui um cargo de 24 horas na escola recebe R\$2.652,29 reais.

importante para análise. Como aponta Vianna (2013, p. 172), “os estereótipos de gênero que justificam os baixos investimentos na remuneração e formação docentes, na garantia de melhores condições de trabalho e de carreira, com a alegação de que professora não precisa ganhar bem, tem um marido que a provê, entre outros aspectos”.

Ainda de acordo com a autora, a definição da noção do que é masculino e do que é feminino na sociedade ocidental vai influenciar na divisão sexual do trabalho e, necessariamente, na escolha da carreira. Contudo, quando Laura é indagada pela entrevistadora sobre uma possível relação entre o fato de ela ser uma mulher e receber mal numa profissão que tem uma maioria feminina, ela afirma: *“Eu nunca parei para pensar por esse lado, por ser uma questão de um trabalho realizado na maioria das vezes por mulheres. Eu acho que a educação, em si, ela é muito desvalorizada, sabe, de um modo geral”* (Laura, junho de 2023).

A narrativa da Laura nos direciona para a importância de se discutir a própria docência no processo de formação inicial e continuada, em especial no que tange ao perfil docente e às condições de trabalho. A desvalorização da profissão é entendida por Dametto e Esquinsani (2015, p. 151) pelo “espectro de crueldade que associa a opressão de gênero derivada das sociedades patriarcais à lógica capitalista”. A associação desses elementos, de acordo com as autoras, produz uma situação de desigualdade articulada com as dimensões de gênero e classe social. Como apontam Zibetti e Pereira (2010, p. 273),

Considerando que a maioria expressiva do quadro docente é feminina, qualquer medida que se proponha a melhorar a qualidade da educação deve considerar as questões de gênero. Melhores condições de vida e trabalho, inclusive superando-se socialmente a cultura de atribuir às mulheres a responsabilidade pelo cuidado da casa e dos filhos, terão como retorno mulheres mais saudáveis, professoras melhor preparadas, aulas mais adequadas às necessidades das crianças, portanto melhor qualidade de ensino.

Nesse sentido, ao estabelecer um diálogo entre as narrativas e os demais estudos sobre o campo, percebemos que há um sentimento compartilhado de desvalorização, contudo sem reflexões sobre a docência no que tange às questões de gênero. Porém, como sinalizam as autoras acima, pensar melhoria

na educação só é possível se levarmos em conta as condições de trabalho, o cuidado e a atuação das mulheres nas atividades produtivas e reprodutivas.

Corroborando para o debate sobre a desvalorização docente, as professoras mencionam a ausência de valorização do ofício docente e de acompanhamento por parte das famílias dos estudantes. Noara diz sobre a desvalorização/desinteresse por parte dos pais: *“mas quando a gente precisa de um aluno que tá com dificuldade, o retorno dessa família não é muito positivo não, sabe?”* (Noara, maio de 2023). A professora Júlia acrescenta: *“a gente manda visto de “não fez” na atividade que o aluno não fez. Ninguém olha, mandamos visto de novo, ninguém olhou [...]”* (Júlia, junho de 2023). Ainda sobre a temática do ensino, Laura reclama: *“não é fácil incentivar esse processo de leitura, principalmente entre os adolescentes e, principalmente, quando o adolescente é oriundo de família que não tem esse estímulo, então eles pensam: ‘ler para quê?’”* (Laura, junho de 2023).

Quando se referem aos alunos, percebe-se um incômodo gerado pela significativa mudança em relação às gerações anteriores. Alessa acrescenta que a tecnologia impactou na dinâmica do acesso à informação, que não se acessa unicamente na sala de aula, acarretando desinteresse: *“os alunos estão cada vez mais exigentes, porque com a tecnologia qualquer coisa para eles não é muito chamativa, não é muito motivador, tem muito mais coisa interessante na internet. Então para motivar, puxar a atenção deles, está cada dia mais difícil trazer aulas”* (Alessa, junho de 2023).

De modo geral, os depoimentos concluem que o cenário não as motiva e que não escolheriam a docência atualmente. Verônica relata sobre percalços encontrados no que tange ao engajamento dos alunos na sala de aula: *“quando a gente é muito novo, a gente pensa só no conteúdo, a gente não pensa nos outros problemas que vamos encontrar [...] a questão dos desejos dos alunos, eu não tinha experiência com isso”* (Verônica, dezembro de 2022). Na mesma direção, Júlia afirma: *“[...] hoje eu acho que no momento, não sei se estou cansada, desiludida”* (Júlia, junho de 2023). Quando interrogada sobre o que acharia de a sobrinha vir a ser professora, expôs que a aconselharia a pensar muito e buscar outras alternativas primeiro. Verônica ainda relata a inconstância

no seu desenvolvimento profissional docente, majoritariamente regida por sua indecisão acerca do futuro:

“(...) eu pensei “não vou passar a minha vida inteira brigando pra ensinar, e aí eu saí da educação uma vez, fiquei um tempo trabalhando em outra área, aí vi que eu gostava de ensinar e resolvi voltar pra educação, fiquei mais uns dois ou três anos e aí veio uma outra oportunidade e larguei de novo” (Verônica, dezembro de 2022).

Laura apresentou que estuda diversos outros temas fora da área da educação e disse que o marido trabalha com café, temática pela qual ela demonstrou também interesse:

“é uma cooperativa que trabalha com exportação de café, então eu tô procurando entender desse processo, sabe, eu faço trabalho para essa cooperativa (...) eu tô gostando de fazer isso, é uma coisa que eu quero continuar fazendo e aprendendo, sabe, porque eu não sei até quando eu vou ter forças para continuar nesse lugar [de educação]” (Laura, junho de 2023).

Por fim, é possível compreender com as narrativas das docentes que não há uma linearidade na escolha profissional. E uma vez que elas iniciam os trabalhos como professoras da educação básica, essa escolha é repensada e outras oportunidades são estudadas pelas docentes. E é necessário pensar que a insatisfação está diretamente ligada às condições de trabalho, como foi possível compreender nesse tópico e que uma possível mudança só seria plausível com melhores condições de trabalho.

CONCLUSÕES

Com o trabalho de campo empreendido neste estudo, percebe-se a prevalência de um sentimento de insatisfação em relação à docência. Defendemos que esse sentimento pode estar ligado a múltiplas causas: tanto às contingências de escolha da profissão, quanto a questões que dizem respeito a uma sobrecarga de trabalho enfrentada por mulheres trabalhadoras que são também mães e donas de casa. Por sua vez, as questões de ordem estruturais que dizem respeito ao contexto em que a docência é exercida também têm

papeis relevantes e se somam aos fatores anteriormente citados. Nesse aspecto, englobam-se os baixos salários, a infraestrutura deficiente das escolas e a perda de prestígio da profissão, por exemplo.

Lembramos que falamos de docentes que têm duas décadas de trabalho na sala de aula. Logo, não seria equivocado considerar que o resultado da soma desses fatores seja um imenso desgaste e esgotamento físico e mental. Nessa circunstância, encontram-se naquela etapa de seu desenvolvimento profissional em que professores começam a se desvincular por desencanto da profissão.

Como elaborado no trabalho, é possível estabelecer conexões entre as narrativas das professoras entrevistadas para a realização dessa pesquisa e outros trabalhos sobre a docência, em especial no que tange às questões de gênero. Entendemos, nesse sentido, que há um sentimento compartilhado por professores/as de diferentes realidades escolares que perpassam os desafios e desencantos pela profissão. Em especial, no que diz respeito às condições materiais de trabalho, bem como as dimensões simbólicas, vinculadas à relação com os/as estudantes e a percepção que a sociedade possui dos/as docentes nos dias atuais.

Por fim, é importante pontuar que é possível perceber a ausência de uma noção da atuação docente com a ideia de uma “vocação” natural. Tendo em vista que a maioria das entrevistadas consideram ou consideraram abandonar a profissão e/ou a escolheram a partir de uma dimensão dos horizontes possíveis, pensando em empregos que lhes garantisse melhores condições materiais em comparação às gerações anteriores do núcleo familiar.

A realização da pesquisa sinaliza para a importância da elaboração de estudos sobre essa temática na região e o diálogo entre as demais investigações em outros territórios, uma vez que demonstra um sentimento de insatisfação que perpassa a realidade docente, composta por uma maioria de mulheres. Nesse sentido, coloca-nos diante da necessidade de melhores condições de trabalho, desde o pagamento das horas de planejamento e melhores condições salariais até a organização de estudantes por sala e investimentos em recursos didáticos na escola.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Carolina Faria; VIANNA, Cláudia Pereira. Relações sociais de gênero e divisão sexual do trabalho: desafios para a compreensão do uso do tempo no trabalho docente. **Laboreal** [Online], v. 8, n. 1, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/laboreal/6934>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

ARAÚJO, Tânia Maria de; *et al.* Diferenciais de gênero no trabalho docente e repercussões sobre a saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, n. 4, p. 1117–1129, out. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000400032>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa edições: Lisboa, 1977.

DAMETTO, Jarbas; ESQUINSANI, Serena Rosimar S. Mãe, mulher... professora! questões de gênero e trabalho docente na agenda educacional contemporânea. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 37, n. 2, p. 149-155, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307343306003>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. *In*: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. 2 ed. Porto: Porto, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar**, 2021. Brasília: MEC, 2022.

MIRANDA, Shirley Aparecida; SILVA, Jairza Fernandes Rocha da. Docência nas fronteiras: quilombo, raça e gênero. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 39–52, 2020. DOI: 10.31639/rbpf.v12i24.348. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/348>. Acesso em: 14 de abril de 2021.

MUYLAERT, Camila Junqueira; *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev. Esc. Enferm USP**, v. 48, n. esp2, p. 193-199, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **Dilemas na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares**: o processo de escolha do curso superior. 2004. 185 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-69WRGU>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

PRÁ, Jussara Reis; CEGATTI, Amanda C. Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 10, n. 18, 2016. DOI: 10.22420/rde.v10i18.660. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/660>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

SERAFINI, Mariana. Apagão de professores: A maioria dos estudantes de licenciatura desistem da carreira antes da formatura. **Carta Capital**. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/apagao-de-professores/>.

VIANNA, Claudia Pereira. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. *In*: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília: Abaré, 2013. p. 159-180.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 17-18, p. 81–103, 2002. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644555>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto; PEREIRA, Sidnéia Ribeiro. Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente. **Educar em Revista**, n. spe2, p. 259–276, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000500016>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.